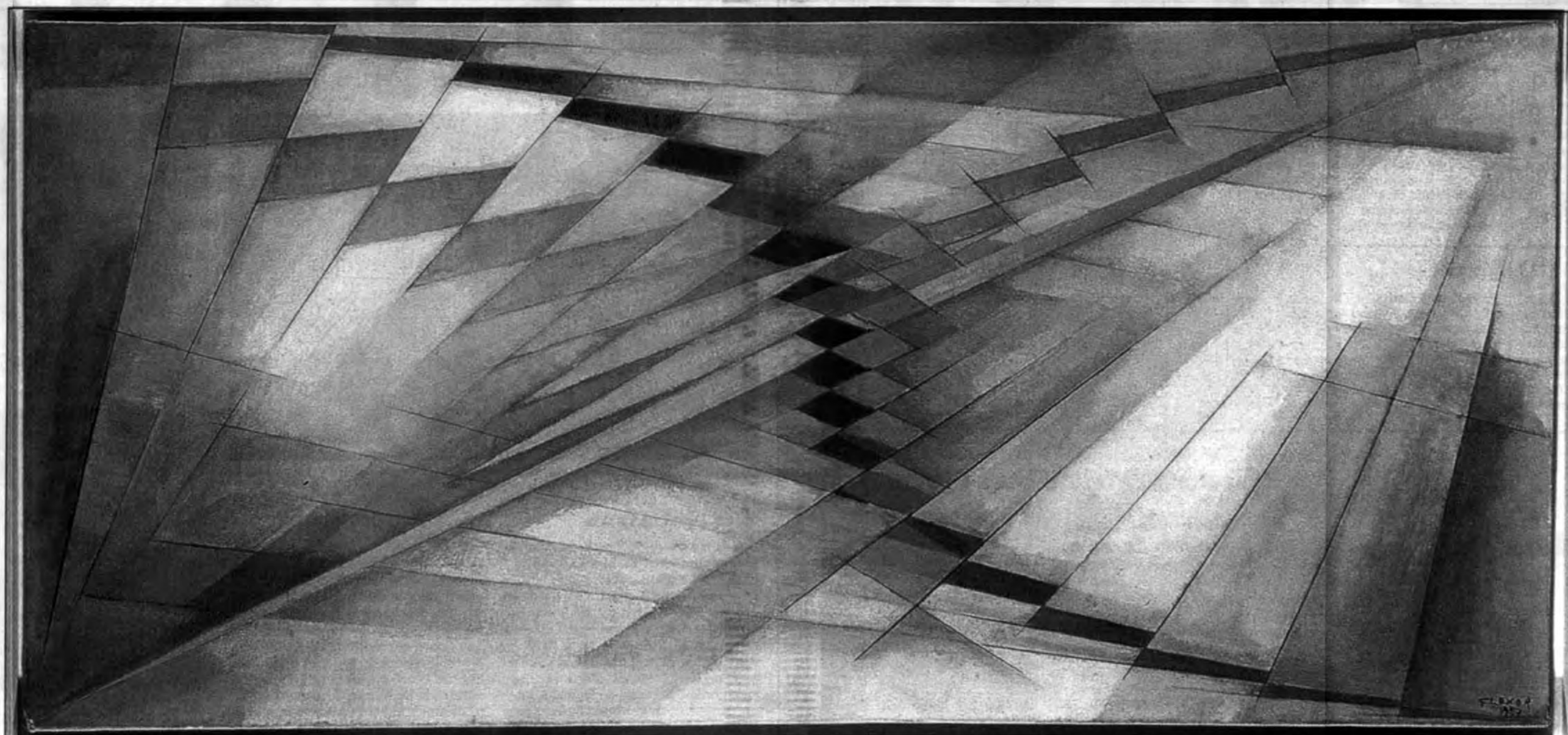
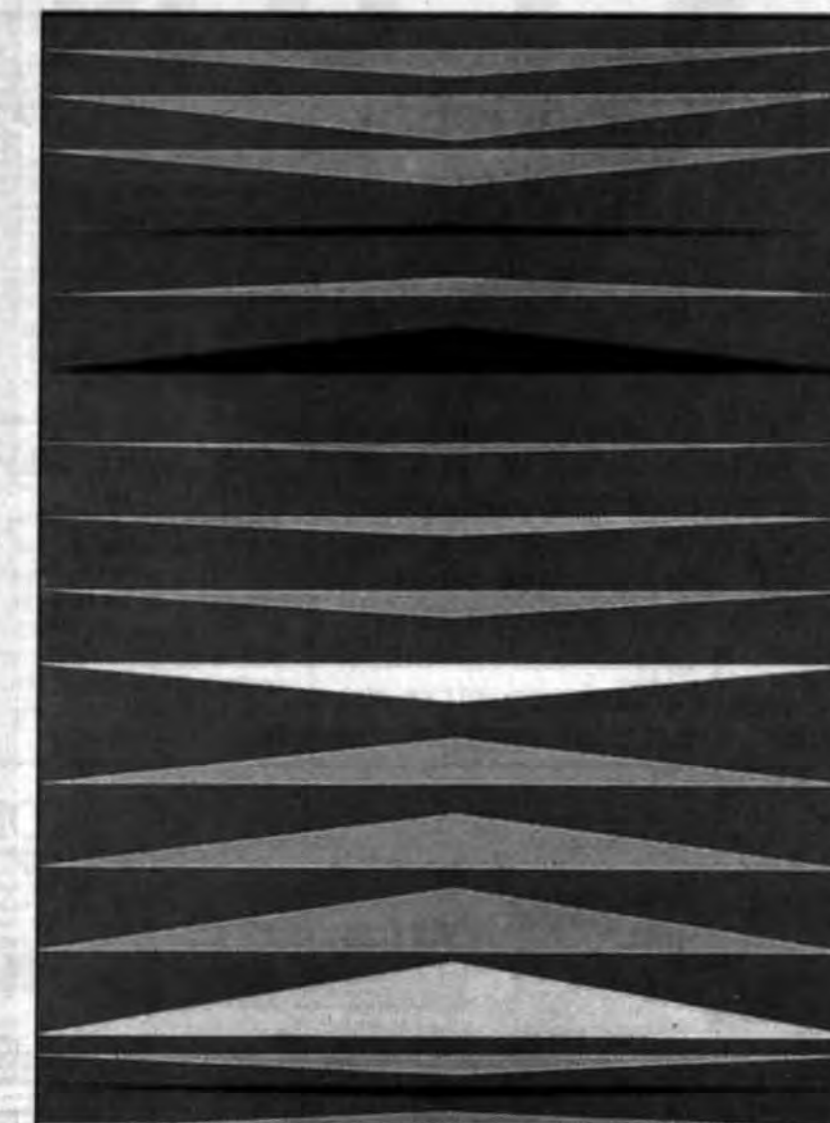


Oleo sem título, pintado por Cícero Dias em 1955: pioneirismo



'Abstrato', a tela pintada por Samson Flexor em 1957 mostra como o artista romeno que fundou o ateliê Abstração usava as cores para insinuar volume e profundidade, dando ritmo à pintura: um dos destaques da coleção de Adolpho Leirner



'Faixas Ritmadas', de Ivan Serpa (1953): na liderança do grupo carioca Frente

Livro e exposição homenageiam o construtivismo

Será lançada no dia 10 a publicação em que críticos e historiadores de arte fazem análise das experiências nacionais no campo da abstração geométrica, a partir do acervo de Adolpho Leirner que será exposto no MAM

MARIA HIRSZMAN

partilha com vários membros de sua família.

As próximas semanas, o construtivismo – um dos períodos mais importantes e polémicos da arte brasileira – estará recebendo uma dupla homenagem. O livro *Arte Construtiva no Brasil – Coleção Adolpho Leirner* (DBA Melhoramentos, 364 págs.), no qual críticos e historiadores de arte realizam uma cuidadosa análise das experiências nacionais no campo da abstração geométrica a partir do acervo de Leirner, será lançado no dia 10. E o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo inaugura em 1.º de outubro uma exposição com 120 obras selecionadas em meio a esse conjunto de trabalhos que traça um panorama único da produção artística do País em meados deste século.

Durante décadas, Adolpho Leirner dedicou-se a procurar e coletar o melhor da arte concreta e neoconcreta brasileira. Tudo começou em 1962, quando o então jovem engenheiro adquiriu a tela *Em Vermelho*, de Milton

Dacosta. Trinta e seis anos depois, o colecionador resolveu considerar sua tarefa encerrada e decidiu organizar o livro e a exposição como uma espécie de grand finale.

Como todo colecionador, esse filho de judeus poloneses é obsessivo e parece ter conseguido conciliar o desejo por ordem e o amor pela arte, que



Obra quase escultórica de Mira Schendel (1954): entre as preferidas de Leirner

meide Graz e Cássio M'Boy. E segue até o fim da década de 60, quando o projeto construtivo começa a afrezer. Há no grupo obras históricas como *Aparelho Cinematográfico*, de Abraham Palatnik, que se antecipou a op art; um dos raros óleos de Hélio Oiticica; e uma escultura da série *Concreção*, de Luís Sacilotto.

Leirner confessou ter ficado entusiasmado ao acompanhar de perto o processo de realização de *Arte Construtiva no Brasil*, patrocinado pelo Lloyds. "Quem estiver esperando um livro decorativo ficará decepcionado", alerta. Apesar da bela aparência e

EM 62, COM 'EM VERMELHO', DE MILTON DACOSTA, COLECIONADOR DEU INÍCIO À SUA TAREFA

da riqueza de ilustrações (cerca de 200), a obra analisa detalhadamente o abstracionismo brasileiro.

Na introdução, Leirner conta suas experiências e diz porque decidiu colecionar obras que lhe fossem contemporâneas em vez de peças históricas. Em seguida, Aracy Amaral contextualiza o construtivismo, mostrando que ele está presente desde os anos 20 no modernismo brasileiro em obras de mestres como Tarsila do Amaral e Vicente do Rego Monteiro.

O segundo ensaio, assinado por Maria Alice Milliet, trata do ateliê Abstração, fundado por Samson Flexor em 1951. Romeno, mas tendo a França como segunda pátria, ele trouxe para o País os princípios universalizantes do concretismo e ajudou a formar toda uma geração de artistas. Mas sua obra diferia radicalmente daquela defendida por Waldemar Cordeiro e o movimento Ruptura (ao qual chamava de "concretinos" na intimidade).

Radicalização – A atitude radical do grupo fundado por artistas e poetas paulistas em 1952 é analisada por Ana Maria Belluzzo. Ela compara o debate brasileiro dos anos 50 àquele travado na Europa nos anos 30. O grupo Ruptura queria eliminar qualquer caráter hedonista da arte e consideravam o termo abstrato inadequado já que ele indicava que as formas geométricas usadas nos trabalhos haviam sido de alguma forma abstraidas da natureza. Em outras palavras, seu objetivo era realizar uma arte puramente formal, criando "uma esfera própria, de relações sintáticas e construtivas, preservada da aderência de outras significações culturais".

Existem razões históricas precisas para isso. Afinal, nada melhor do que uma arte baseada nas leis objetivas da matemática para representar a euforia industrial da era JK. Além disso, o

concretismo era visto como uma forma de alcançar uma linguagem plástica universal. A arte figurativa de pintores como Portinari e Di Cavalcanti era considerada excessivamente emocional e subjetiva pela nova geração de modernistas.

Como lembra Ferreira Gullar no quarto texto do livro, no início da década de 50 "tinham todos a necessidade de acreditar que uma nova era se abria para a humanidade" e defender idéias nacionalistas era algo impensável depois do trauma da 2.ª Guerra Mundial.

Depoimento – Seu ensaio tem importância particular já que o poeta acompanhou de perto a formação do grupo Frente (liderado por Ivan Serpa), participou da histórica exposição que uniu concretistas paulistas e cariocas em 1956 e 1957 e foi o autor do bombástico manifesto neoconcreto. Publicado em 1959, o texto decretou o rompimento oficial entre o abstracionismo geométrico mais livre dos cariocas e o rigor objetivo dos paulistas.

Arte Construtiva no Brasil traz também textos de Paulo Sérgio Duarte sobre os abstracionistas geométricos que não se alinharam com nenhum grupo, como Volpi. E uma análise feita por Alexandre Wolner do desenvolvimento gráfico baseado na linguagem construtiva, além de dados bibliográficos, uma curta biografia de todos os artistas representados na coleção Leirner.

Assim, os mais interessados terão uma ampla leitura de apoio à disposição, antes de visitarem a exposição do MAM. É bem verdade que o colecionador sempre emprestou obras para exposições temporárias, mas é a primeira vez que o conjunto será exposto de forma completa. Isso permitirá que o público tenha uma idéia melhor da vasta constelação que representou o concretismo brasileiro, mesmo que no fim se conclua que a polêmica em torno desses trabalhos esteja tão viva quanto em 1951.

Em seu texto, Maria Alice Milliet cita uma história contada por Sérgio Milliet na época da 2.ª Bienal, que ilustra perfeitamente a controvérsia gerada por esse tipo de trabalho. "Ontem um amigo dizia, na bienal: não gosto desses abstratos, é de um simplismo irritante; quatro linhas, um ponto, dois quadrados, que falta de imaginação! Ainda chegaremos à tela virgem! Ao que o outro respondia: formidáveis esses pintores! Que economia de soluções, que depuração! Quatro linhas, um ponto, dois quadrados, que síntese admirável!"

No entanto, adorando ou odiando os abstratos, o que importa é que eles protagonizaram importante capítulo da arte brasileira, que devemos estudar de perto para compreender os rumos atuais da produção nacional.



O colecionador com mobília desenhada por John Graz; ao fundo a tela 'Em Vermelho', de Milton da Costa, a primeira da coleção

Mostra resgata fase histórica que marcou nascimento do MAM

De São Paulo obras seguem para Rio, Salvador, Recife e, provavelmente, para o exterior

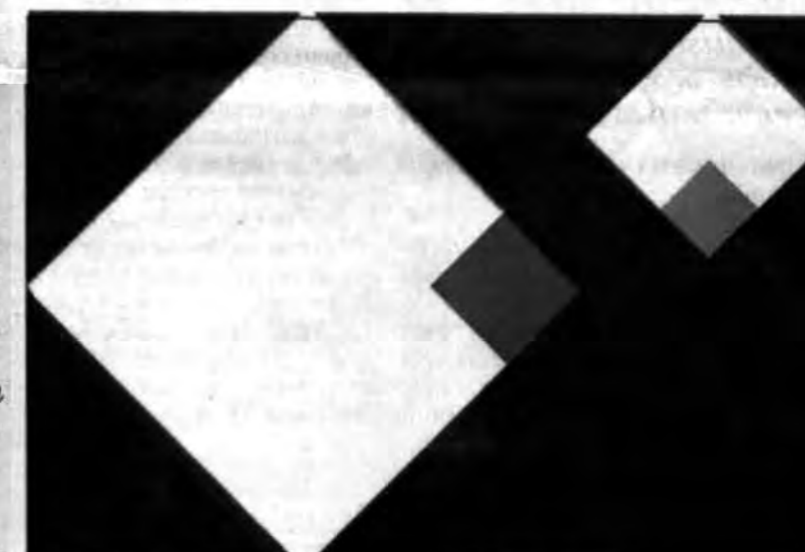
Não foi à toa que o MAM decidiu incluir a Coleção de Adolpho Leirner no calendário de comemorações de seu cinquentenário, programando a exposição para o período mais nobre do ano, coincidindo com a 24.ª Bienal de São Paulo.

Afinal, a história desse acervo está intimamente ligada à do museu. O MAM foi fundado em 1948 e acolheu – além das seis primeiras Bienais de São Paulo – a grande maioria das exposições de arte construtiva. Sua mostra inaugural, realizada no ano seguinte em sua primeira sede da Avenida 7 de Abril (no mesmo prédio que abrigava o Masp) chamava-se *Do Figurativismo ao Abstracionismo*.

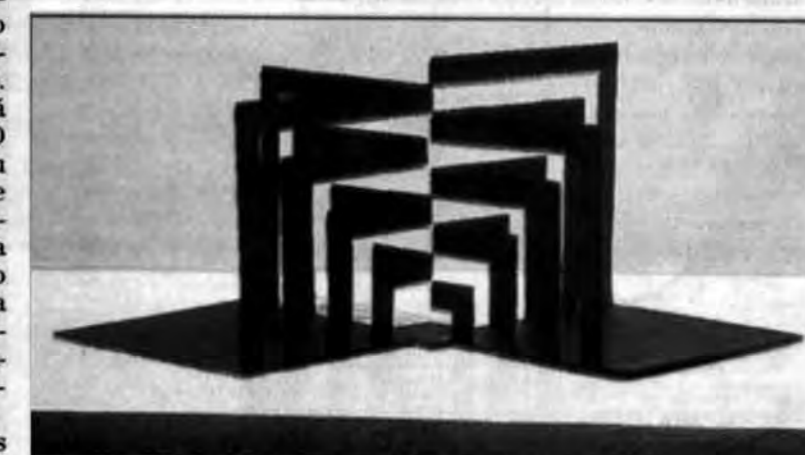
Organizada pelo crítico francês Léon Dégand, ela jogou lenhano de bate entre os dois grupos e introduziu o público brasileiro à obra de grandes artistas internacionais como Kandinski, Calder, Vasarely, Arp, entre outros. O Brasil foi representado apenas por Waldemar Cordeiro, Cícero Dias e Samson Flexor (este último ainda representando a França).

A partir daí, todos os grandes eventos nacionais relacionados ao abstracionismo geométrico estavam vinculados aos MAM. Lá ocorreram as exposições do Atelier Abstrações, a legendaria mostra que em 1956 reuniu – mesmo que por poucos anos – os concretistas paulistas (Ruptura) e cariocas (Frente). E também foi nesse museu, que na época ainda não ocupava seu endereço atual, que os artistas do Rio mostraram o trabalho mais livre defendido no manifesto neoconcreto.

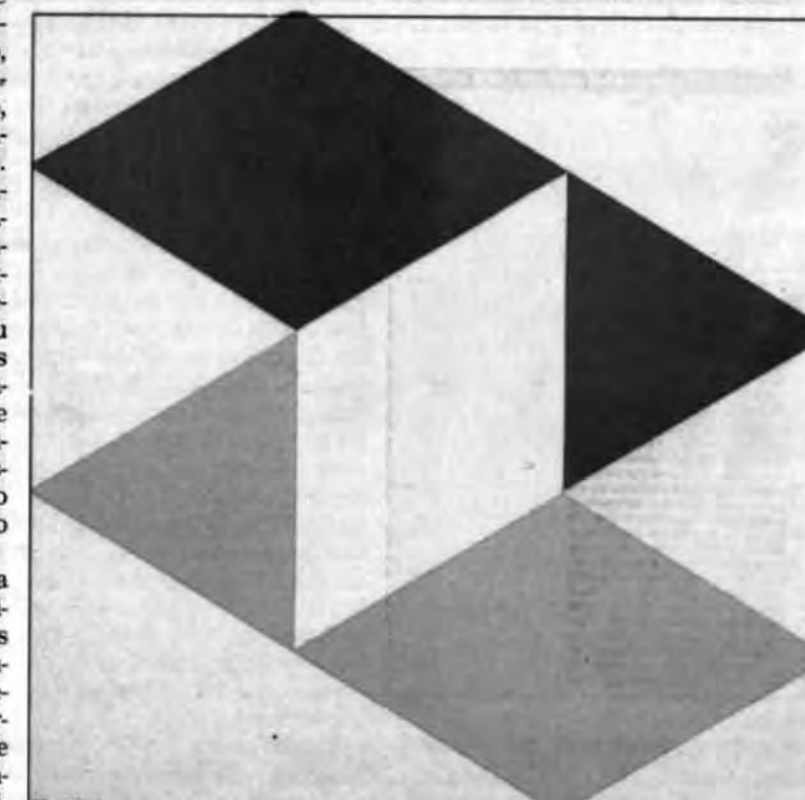
A decisão de Leirner de expor sua coleção quase na íntegra não beneficiará apenas aos paulistas e turistas que costumam visitar São Paulo durante a bienal. A mostra seguirá depois para os Museus de Arte Moderna do Rio, de Galvador e de Recife (com quem o MAM tem acordos de intercâmbio) e é possível que ela continue viajando, pois Leirner já recebeu vários convites do exterior. (M.H.)



'Concreto', de Geraldo de Barros: aliança entre o artista e a indústria



'Concreção 5942', de Luís Sacilotto: o quadrado desenha-se no espaço



'Virtual XIV', de Fiamminghi: a sabedoria da construção pela cor

"Colecionar é uma procura e caça que faz parte da minha vida"

No depoimento para o livro, Adolpho Leirner conta sobre seu acervo e analisa o período artístico

Leia abaixo trechos do depoimento de Adolpho Leirner para o livro *Arte Construtiva do Brasil – Coleção Adolpho Leirner*.

"Colecionar é um amor, uma paixão, um descobrimento, uma procura e caça, que faz parte da minha vida. É um prazer individual, uma relação de afetividade com as obras que fazem parte do meu espaço."

"Com grande interesse pela arquitetura e pelo 'design', dirigi minha atenção para os movimentos suprematista e construtivista russos, para o movimento holandês De Stijl, para a Bauhaus alemã e o 'art déco', que me precipitaram neste mundo de linhas, cores, planos e tensões, no domínio da ordem sobre a desordem, me fazendo sentir mais perto do pensamento racional."

"A influência desse período na nossa arte contemporânea é definitiva. A arte brasileira tem, indiscutivelmente, um fundo construtivo presente na maioria dos nossos artistas, especialmente no caso dos conceitualistas e minimalistas dos anos 70, como, por exemplo, Walmécio Caldas, Cildo Meireles, Antonio Dias e José Resende."

"Vejo com muita alegria, nos últimos anos, o desenvolvimento de nossas instituições culturais. Observo com reservas o patrocínio de exposições milionárias somente para a obra de exposições internacionais. Elas são necessárias e importantíssimas, mas o apoio à nossa arte deveria ser privilegiado em todos os aspectos e não situar-se numa posição de inferioridade para que, a partir da nossa casa, possamos nos respeitar e receber o reconhecimento do exterior."

"Não tenho a intenção, com esta publicação, de colocar a abstração geométrica como o grande movimento da arte brasileira neste século, mas sim colocá-la como viva e atual, com influências marcantes no desenvolvimento de nosso País."